

O povoado proto-histórico do Lago (Amares)

Sistemas de defesa e fases de ocupação

Manuela Martins *

Resumo

Apresentam-se os resultados das escavações realizadas no povoado fortificado do Lago, Amares, em 1980-81 e completadas em 1982 na zona do fosso. Os trabalhos, que incidiram no sector Oeste da estação, permitiram identificar dois sistemas defensivos distintos: o mais antigo caracteriza-se por uma pequena muralha de terra batida; o mais recente por uma muralha de pedra, reforçada internamente e por um fosso escavado na rocha e aberto na base da vertente.

Foram distinguidos três momentos de ocupação relacionados com as estruturas de defesa: o primeiro é contemporâneo da estrutura de terra; o segundo é posterior ao conjunto muralha de pedra/fosso; o terceiro foi individualizado com base na construção de um muro que serviu como segundo reforço à muralha de pedra.

A sucessão estratigráfica obtida permitiu estudar alguns aspectos da evolução técnica e morfológica da cerâmica indígena da estação.

A cronologia proposta para a ocupação deste sector do povoado, que se insere no âmbito da cultura dos castros do Noroeste Peninsular, situa-o entre finais do século II e finais do século I a. C.

* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Av. Central, 39 P-4700 BRAGA.

Os desenhos de estruturas, plantas e cortes foram executados por Joaquim Filipe Antunes e Luís Fontes do Museu D. Diogo de Sousa e Sophie Delavis, estudante; o desenho de espólio por Fernando J. Moreira, Sophie Delavis e os gráficos são de Quenor Rocha da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Summary

The author presents the results of the excavations made on the western side of the "hill-fort", between 1980 and 1981.

Two distinct defensive systems were identified: the oldest one is characterized by a small wall of compact earth; the most recent by a stone wall, internally reinforced and by a ditch excavated in the bedrock at the base of the slope.

Three distinct occupations were associated with the defense structures: the first one is contemporaneous with the earth wall; the second is connected with the stone/ditch structure; the third was identified by the construction of another wall that corresponds to a more recent reinforcement of the stone wall.

These different occupations permitted a study of the technical and morphological evolution of the indigenous pottery.

The occupation of this part of the site can be placed in the two last centuries b. C.

1. Introdução

O povoado fortificado do Lago, em Amares, foi identificado por Manuel Braga da Cruz, ilustre erudito bracarense, provavelmente na década de 30 deste século ¹. A ele se deve o conhecimento da estação, uma vez que aí acompanhou vários arqueólogos, nomeadamente Afonso do Paço e Carlos Teixeira, ao último dos quais se deve a primeira referência cartográfica do sítio ². São, contudo, bastante raras e sumárias as referências que lhe são feitas na bibliografia arqueológica ³.

Possui o povoado características especiais que associadas à sua localização, perto de um dos locais onde se admite que a Geira romana venceria o Cávado, chegaram a suscitar a sua interpretação como acampamento romano. Para ela contribuíam a baixa altitude do cabeço em que assenta, em forma de tronco de cone aplanado, formando uma única plataforma de configuração poligonal e a situação privilegiada que possui em relação ao rio. Estes aspectos conferem ao sítio uma fisionomia própria que distingue o povoado dos característicos castros da região minhota.

¹ O Dr. Manuel Braga da Cruz, homem de ciência da cidade de Braga, foi um infatigável curioso da História local e regional. Das suas frequentes deslocações ficou-nos o conhecimento de numerosos sítios arqueológicos, que divulgou junto de outros investigadores. Será por seu intermédio que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho tomará conhecimento da estação, em 1978.

² TEIXEIRA, Carlos — *Subsídios para o estudo da Arqueologia Bracarense*. "Anais da Faculdade de Ciências do Porto", Porto, 21, 1936; Id., Ibid. "Bracara Augusta", 6-7, n.º 1-4 (31-34), Braga, 1955-56, p. 17-38.

³ SILVA, Domingos M. da — *Entre Homem e Cávado. Monografia do Concelho de Amares*, 1, Amares, 1958, p. 139; SOUSA, J. J. Rigaud de — *Nova ara dedicada aos Lares no Convento Bracaraugustano*. "Bracara Augusta", 25-26 (59-62), Braga, 1971-72, p. 180-181; TEIXEIRA, Carlos, A. Cândido de Medeiros e J. Rocha de Macedo — *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da folha 5-D*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1973, p. 17.



Quando, em 1980, nos propusemos estudar o povoamento proto-histórico e romano do curso médio do rio Cávado, não deixámos de reconhecer a importância desta estação, notável em termos de localização geo-estratégica e ainda pela invulgaridade da sua organização defensiva.

Iniciámos nesse mesmo ano o seu estudo, prosseguindo-o em 1981 e 1982. Os resultados obtidos nos trabalhos de campo de 1980-81, realizados na zona da muralha e objecto desta publicação, não confirmando existir no local um acampamento romano, viriam todavia a revelar um tipo muito particular de povoado "castrejo", cujo estudo nos abriu novas hipóteses sobre as modalidades de povoamento na proto-história do Noroeste português.

2. Localização e contexto geográfico

O povoado do Lago assenta numa pequena colina de baixa altitude — cota máxima de 65,30 m —, localizada na margem direita do rio Cávado, na freguesia do Lago, concelho de Amares, distrito de Braga (figs. 1 e 2). O sítio tem as coordenadas 41° 36' 36" Lat. N./0° 43' 17" Long. E. Lx. ⁴. O acesso à estação faz-se a partir do lugar da sede de freguesia por um caminho que, contornando o povoado pelos lados Oeste e Sul, conduz ao rio Cávado.

O substrato do cabeço é granítico — granito porfiróide de grão médio, ou fino a médio ⁵ — e mostra-se em certas zonas muito alterado. Está coberto por restos de um depósito fluvial, assinalado pela presença de abundante cascalho, sobreposto por sedimentos de espessura variável que registam vestígios de ocupação humana.

Apesar da sua baixa altitude, o cabeço oferece boas defesas naturais: a Norte, a plataforma cai ravinosa sobre um fundo fosso que separa o povoado de um cabeço mais pequeno que lhe fica sobranceiro e a Este, sobre um largo

⁴ Coordenadas referentes a um ponto central do cabeço, com base na carta militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 56, de 1948, dos Serviços Cartográficos do Exército.

⁵ Carta Geológica de Portugal, folha 5-D, dos Serviços Geológicos de Portugal.

vale que bordeja o rio. A sul, o pendor da vertente é mais suave pois esta esbate-se em desníveis sucessivos, que não chegam a formar tabuleiros. O lado Oeste é o menos defendido. A vertente, embora com inclinação assinalável, morre poucos metros abaixo da plataforma, no caminho que segue para o rio.



Fig. 1 — Localização do povoado do Lago no extracto da Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 56, Serviços Cartográficos do Exército, 1948.



Fig. 2 — O povoado do Lago visto de Este.

O aspecto aplanado do topo do cabeço parece resultar em parte da acção erosiva do rio, sendo, contudo, provável que a acção humana lhe tenha conferido maior regularidade.

A superfície da plataforma está coberta por espécies arbóreas de plantio recente, pinheiros e eucaliptos e por um denso manto de herbáceas e gramíneas. Quando limpa, deixa ver alguns raros blocos de pedra, toscamente trabalhada, arrancados por antigos trabalhos de lavoura, bem como abundantes fragmentos de cerâmica.

A contornar a plataforma, no lado Oeste, são visíveis pequenos troços bem conservados da face externa da única fortificação do povoado.



Fig. 3 — Perspectiva do corte no lado interno do povoado.

3. Escavação

Com os primeiros trabalhos de campo realizados em finais de 1980 e inícios de 1981⁶, procurámos obter um corte estratigráfico significativo que relacionasse a ocupação do cabeço com a construção e utilização da muralha defensiva.

Foi aberto um corte perpendicular à muralha, num dos locais em que esta era visível, apresentando-se bem conservada. As dimensões globais do

⁶ Esta intervenção foi subsidiada pelo I.P.P.C. e contou com o apoio da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Nela participaram os seguintes elementos: Vladimiro J. Pires; Jesus M. Pires Martinho; Maria das Dores Novais; José M. Freitas Leite e Deolinda O. Carvalho. Nesta campanha foi executado o levantamento topográfico da estação, da responsabilidade de António Correia. De bastante interesse se revelaram as opiniões da Dra. Philine Kalb, do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa e de Martin Höck, que gentilmente se prestaram a discutir connosco os problemas levantados pela escavação. A todos aqueles que tornaram possível este trabalho, aqui expressamos o nosso sincero reconhecimento.

corde viriam a ser de 21 m de comprimento por 3 m de largura, estando compreendido, pela quadrícula do terreno, entre as coordenadas $x=121-124$ m e $y=-1-20$ m (desdobrável n.º 1). Esta intervenção permitiu abranger uma área razoável que integra parte da plataforma, toda a largura da muralha e ainda a vertente e parte do fosso.

A metodologia de escavação seguida teve em conta, quer os objectivos, quer as características do povoado. No lado interno, até à face externa da muralha, numa extensão de 8×3 m, foi efectuada uma decapagem em toda a extensão do corte, com vista à detecção da face interna daquela estrutura. Uma vez identificada esta, subdividiu-se a área a escavar, o que possibilitou uma melhor compreensão da estratigrafia da zona (fig. 3). Neste corte, escavou-se abaixo das camadas arqueológicas, tendo sido desmontado o horizonte mais recente do terraço fluvial. Foi assim identificado um outro horizonte, aparentemente da mesma formação, que assenta directamente na areia de alteração granítica.

A descoberta de um muro adossado à face interna da muralha, apenas com uma face, reconhecido como um reforço daquela estrutura, levou-nos à sua desmontagem. Só assim foi possível compreender a sua construção, bem como a relação desta estrutura com a muralha. A evidência de níveis arqueológicos sob a fortificação determinou igualmente a sua integral desmontagem, que possibilitou o estudo da fase de ocupação mais antiga do sítio (desdobrável n.º 3).

Os trabalhos realizados na vertente, entre a face externa da muralha e o início do caminho, numa extensão de 10 m, permitiram identificar um fosso defensivo, escavado na rocha e implantado na base da vertente.

Esta importante descoberta levou-nos a prolongar o corte inicial em mais 3 m, com vista à escavação do enchimento da estrutura. Esta tarefa só viria,

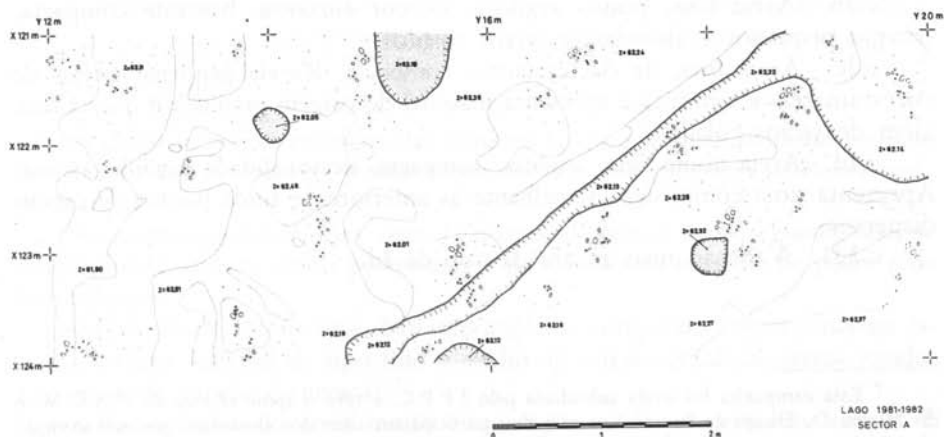


Fig. 4 — Plano final da escavação (esc. 1:50).

no entanto, a ser parcialmente concretizada em 1982, quando obtivemos a necessária autorização do proprietário do terreno ⁷.

O facto de sobre o fosso correr um caminho particular, usado pela população, condicionou bastante os trabalhos de escavação, não tendo mesmo sido possível atingir a rocha. Alcançada a profundidade de 4 m, vimo-nos incapacitados de prosseguir a escavação, quer por razões de segurança, quer devido à dificuldade em remover as terras e o abundante material de derrube que surgiu a cerca de 3 m abaixo do nível do solo actual ⁸.

4. Estratigrafia e fases de ocupação

A sondagem realizada em 1980/81 e completada em 1982 na zona do fosso, forneceu uma imagem bastante clara da sequência de ocupação do povoado neste sector (desdobrável n.º 2).

As estruturas de pedra detectadas resumem-se à muralha (est. A), ao seu muro de reforço (est. B) e a um outro (est. C), paralelo às outras construções, mas executado em época posterior. Registou-se ainda a presença de um tosco alinhamento de pedras, que acompanha o perfil Norte do corte e que encosta à estrutura C (desdobrável n.º 2).

Devemos assinalar também a existência de alicerces de estruturas, abertos no nível mais recente do terraço e a detecção de várias lareiras, distribuídas pelas diferentes camadas assinaladas no corte.

A leitura estratigráfica permitiu estabelecer uma articulação clara entre os estratos e a organização das estruturas defensivas, tendo sido possível definir três fases distintas de ocupação, que integram várias camadas.

A primeira fase está representada pelo conjunto das camadas numeradas com I e é anterior à construção da muralha de pedra.

c.Ia. Areia fina, pouco argilosa, de cor cinzenta clara. É compacta e apresenta abundante material de origem granítica e quartzítica, bem como seixos rolados de tipo fino e médio;

c.Ib. Areia fina, pouco argilosa, de cor cinzenta, bastante compacta. Integra pequenos e abundantes seixos rolados;

c.Ic. Areia fina, de cor castanha, compacta. Revela pequenas bolsas de cores amarela e cinzenta e apresenta material de origem granítica e quartzítica, além de seixos rolados;

c.Id. Areia muito fina, argilosa, compacta, de tonalidade castanha escura. Apresenta uma composição semelhante às anteriores e ainda pontos de carvão dispersos;

c.Id1. Variação mais escura da camada Id.

⁷ Esta campanha foi ainda subsidiada pelo I.P.P.C. e teve o apoio técnico da U.A.U.M. e do Museu D. Diogo de Sousa. Nos trabalhos participaram além dos elementos que nos acompanharam na primeira intervenção, António V. de Araújo e Luís Fontes, do Museu D. Diogo de Sousa, e ainda quatro jovens inscritos no programa O.T.L.

⁸ Procurámos completar este corte, em 1983, recorrendo a uma máquina retro-escavadora. Este projecto não pôde, todavia, ser concretizado, ficando a aguardar uma melhor oportunidade.

Este conjunto de camadas desenvolve-se imediatamente sobre o solo quaternário, composto pelos níveis fluviais já referidos. O mais antigo, de cor amarelada é composto por abundantes seixos rolados, sendo imediatamente sobreposto por outro, muito argiloso, de cor vermelha-alaranjada, que integra abundante material rolado.

Neste último nível foram abertas depressões que se encontram preenchidas pela camada Id1. A figura 4 mostra o plano final da escavação ao nível do terraço, onde é visível o conjunto dessas depressões. Algumas delas são buracos de poste, outras podem corresponder a alicerces de estruturas, eventualmente habitacionais.

A camada Id foi interpretada como nível de ocupação contemporâneo das camadas Ia, Ib e Ic. Para essa interpretação contribuíram as características da camada, que integra níveis de lareiras, bolsas de argila cozida, bem como cinzas e carvões dispersos.

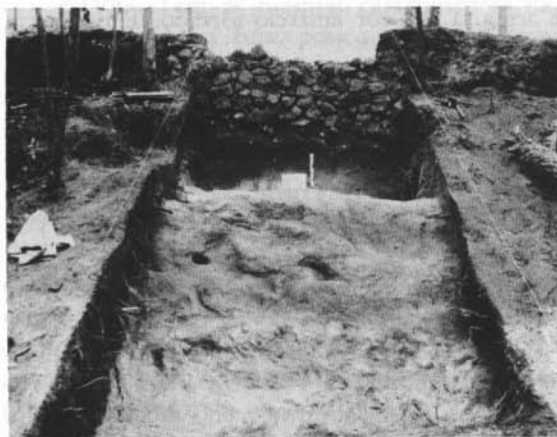


Fig. 5 — Perspectiva do corte no e do seu muro de reforço.



Fig. 6 — Pormenor do aparelho da muralha lado exterior do povoado.

A disposição e composição das camadas Ia, Ib e Ic, formando um pequeno ressalto de terra, sugerem a sua interpretação como estrutura defensiva rudimentar.

As camadas numeradas com II correspondem a uma segunda fase de ocupação do sector, sendo posteriores à construção da muralha de pedra e do seu reforço:

c.IIa. Areia muito fina, bastante argilosa, compacta, de cor cinzenta escura. Integra material de tipo fino e médio de origem granítica, seixos rolados e pontos de carvão dispersos;

c.IIa1. Bolsa de areia muito fina, argilosa, de cor cinzenta escura. É compacta e revela pequenos seixos rolados e carvões;

c.IIa2. Bolsa de areia fina, muito argilosa, de cor cinzenta. Possui material de tipo fino e carvões;

c.IIb. Areia muito fina, argilosa, compacta, de cor cinzenta muito escura. Apresenta material de origem granítica de tipo fino e médio, pequenos seixos rolados e muitos carvões;

c.IIb1. Bolsa de areia muito fina, muito argilosa, de cor cinzenta clara;

c.IIc. Areia muito fina, argilosa, de cor castanha escura, compacta. Integra material de tipo fino e médio, de origem granítica.

As camadas IIa e IIb revelaram algumas lareiras e ainda abundantes bolsas de cinzas e carvões, o que nos permite interpretá-las como níveis de ocupação.

A construção da estrutura C define uma terceira fase de ocupação do sítio à qual correspondem as camadas com o número III. Esta tosca estrutura possui apenas uma face exterior, organizada com blocos de pedra aparelhada. A sua construção parece determinada pela necessidade de suportar o derrube da muralha que cobre completamente a estrutura B. Pode ser interpretada como um segundo reforço da fortificação.

c.IIIa. Areia muito fina e argilosa, de cor amarelo-torrado. É compacta e apresenta material fino de origem granítica;

c.IIIa1. Bolsa de areia fina, bastante argilosa, de cor cinzenta;

c.IIIb. Areia fina, argilosa, de cor castanha, compacta. Integra pequenos seixos rolados e carvões em pequena quantidade;

c.IIIc. Apresenta as mesmas características da camada IIIa;

c.IIIId. Areia fina, muito argilosa, cinzenta escura. É compacta e revela carvões e material fino de origem granítica;

c.IIIe. Areia fina, argilosa, de cor acinzentada. Possui abundantes carvões, seixos rolados e material de origem granítica, de tipo fino.

A camada III é constituída por material de derrube, numa matriz de areia fina, pouco argilosa, de cor bege. A IIIa pode relacionar-se directamente com a construção da estrutura C, revelando características de aterro.

Quer a camada IIIb, quer a IIIId revelaram lareiras, que indicam o seu carácter de níveis de ocupação.

Os estratos de entulhamento do fosso estão identificados pelo número IV, sendo de supor que se tenham começado a depositar posteriormente ao abandono do povoado. Com efeito, apesar de não ter sido atingida a rocha, julgamos que a camada IVb, correspondente a um espesso derrube, deverá constituir um dos primeiros níveis de enchimento da estrutura.

c.IVa1. Areia fina, argilosa, compacta, de cor variável entre o castanho amarelado e o castanho, com abundantes seixos e algum material de origem granítica;

c.IVa2. Bolsa de areia fina, acinzentada, bastante compacta;

c.IVa3. Areia fina, argilosa, compacta, de cor castanha e alaranjada.

A camada IVa1 parece resultar da "lavagem" dos materiais finos da vertente, tendo servido posteriormente de leito de escorregamento do material de derrube da muralha. O mesmo fenómeno repete-se em IVa3.

c.IVb. Nível de demolição, composto por abundante material de tipo médio e grosseiro, numa matriz de areia fina, pouco argilosa e pouco compacta, de cor castanha amarelada;

c.IVc. Nível de demolição, com material de tipo fino, médio e grosseiro, em matriz de areia fina, argilosa, compacta e de cor preta.

São bem evidentes dois níveis de demolição da muralha. O mais antigo apresenta o material muito concentrado, e é bastante espesso. O mais recente, sendo mais fino, revela-se mais rarefeito em material grosseiro.

As camadas que se vão sobrepor ao derrube, ainda com alguns raros elementos de demolição, correspondem, com excepção da IVc, a deposições naturais que vão tender a estabilizar a vertente e a horizontalizar o solo sobre o fosso.

c.IVd. Areia fina, argilosa, compacta, castanha acinzentada, com alguns seixos e material de tipo fino e médio;

c.IVe. Areia fina, pouco argilosa, compacta, de cor negra. É composta essencialmente por cinzas e carvões;

c.IVf. Areia fina, argilosa, compacta, de cor castanha. Apresenta seixos rolados e elementos graníticos de tipo médio e grosseiro;

c.IVg. Tem as mesmas características da camada IVd;

c.IVh. Areia fina, pouco argilosa, compacta, castanha clara;

c.IVi. Areia fina, pouco argilosa, compacta, de cor bege;

c.IVi1. Bolsa de areia, pouco argilosa, de cor cinzenta clara;

c.IVj. Areia fina, argilosa, muito compacta, de cor bege clara. Incorpora abundantes seixos rolados.

A camada IVj, aberta na IVi, corresponde a um leito de preparação de um antigo caminho, do qual encontrámos ainda algumas pedras revolidas.

O quadro estratigráfico que acabámos de analisar mostra claramente três momentos distintos na organização da defesa Oeste do povoado; não fornece, todavia, elementos para caracterizar as estruturas habitacionais correspondentes. Os alicerces de construções relacionados com a primeira fase de ocupação que sugerem a existência de cabanas feitas com materiais perecíveis, constituem, assim, a única informação sobre estruturas de carácter doméstico neste sector.

5. A organização defensiva do povoado

A prospecção dos limites da plataforma e as sondagens realizadas revelaram estruturas defensivas apenas no lado Oeste da estação. Esse facto não nos surpreende, considerando as próprias características topográficas do sítio, já atrás apontadas.

Implantado em pleno vale, o povoado do Lago não denota preocupações defensivas dominantes, como acontece com outros de altitudes mais elevadas da mesma região. No entanto, podemos considerar que se encontra bem protegido em três dos seus lados, por vertentes mais ou menos acentuadas. O seu lado frágil, aquele por onde o acesso do exterior seria e ainda é mais fácil, é o lado Oeste, de vertente menos desenvolvida. Foi, portanto, aí, que se concentraram os esforços dos habitantes do povoado, no sentido de melhorar artificialmente as fracas defesas naturais.

Os trabalhos de escavação desenvolvidos neste sector permitiram detectar duas fases distintas na sua organização defensiva, ambas caracterizadas por tipos diferentes de estruturas.

A uma primeira fase pertencerão os vestígios de uma muralha de terra batida, formada pelas camadas Ia, Ib e Ic. Das suas dimensões iniciais pouco sabemos, uma vez que a altura inicial e mesmo a largura da construção devem ter sido alteradas pela implantação das estruturas posteriores. É, no entanto, provável, que a estrutura fosse mais desenvolvida.

A escavação da vertente tornou visível, pouco abaixo do talude, um profundo corte das camadas que compõem o terraço, sobrepondo-se este à areia de alteração granítica que cobre a rocha (fig. 5). Desse corte resultou a formação de um degrau que acentuou o declive da vertente, inicialmente com pender mais suave.

Parece-nos possível admitir que a construção da muralha, exigindo razoável quantidade de terras, e o corte identificado na vertente, implicando a remoção de um volume considerável das mesmas, sejam contemporâneas, completando-se mesmo em termos de funcionalidade defensiva.

A avaliar pelo que resta dos estratos relacionados com esta primeira estrutura, mesmo admitindo que possam ter sido destruídos aquando da implantação da muralha de pedra⁹, é provável que este sistema de defesa não tenha vigorado durante muito tempo.

Bastante mais duradoura nos parece a segunda construção defensiva que associa uma muralha de pedra, reforçada internamente, a um fosso aberto na rocha granítica.

A muralha (est. A) tem a largura de 2,30 m e assenta directamente nos níveis arqueológicos anteriores. É uma estrutura pouco cuidada, de faces toscas, organizadas com pedras de dimensão, forma e talhe irregulares (fig. 6). Entre os blocos, a preencher os interstícios, existem pedras mais pequenas e terra. As características dos blocos e o seu aspecto irregular mostram que a pedra foi simplesmente partida e não faceada (desdobrável n.º 3).

A altura da face interna da estrutura revelou-se muito irregular e não excede os dois metros de altura na zona mais alta. A face externa apresenta dimensões mais homogêneas que não excedem o metro de altura. A potência da camada de derrube, detectada no enchimento do fosso, permite, entretanto, considerar que a muralha seria inicialmente bastante mais elevada (desdobrável n.º 2).

O miolo da estrutura é constituído por terra solta e pedras não talhadas, de dimensões variáveis, dispostas caoticamente (desdobrável n.º 3-1).

A muralha é reforçada internamente por um muro (est. B), de altura irregular, com cerca de 1,20 m na zona mais alta conservada. Tudo indica que as duas estruturas são contemporâneas pois assentam nos mesmos estratos. Trata-se de um muro composto apenas por uma face, construída também com pedra simplesmente partida (fig. 6). O seu enchimento, composto por pedras miúdas e terra, encosta directamente à face interna da muralha.

⁹ A reduzida extensão e fraca potência da camada Id e ainda o facto do enchimento da muralha, bem como o do seu reforço, integrar cerâmica, levam a supor que esta camada foi parcialmente destruída.

Parece-nos indiscutível que a muralha e o fosso são contemporâneos. As duas estruturas articulam-se, não só em termos operacionais de defesa, mas também pela necessidade de matéria-prima. Com efeito, não existindo no cabeço qualquer afloramento rochoso, é provável que a pedra indispensável para a construção da muralha tenha provido do corte da rocha que viria a formar o fosso.

A estrutura C foi interpretada como um reforço mais tardio da muralha. Para essa interpretação contribui o facto de possuir apenas uma face, virada à plataforma, aparentemente sustendo o enchimento que encosta à muralha.

É de registar a diferença existente entre as faces das estruturas A e B e a deste muro que exhibe já pedra faceada (fig. 3), facto que denota um avanço tecnológico no trabalho da pedra.

Mau grado a existência de uma abundante bibliografia sobre a Cultura dos castros do Noroeste, que inclui algumas sínteses¹⁰, raros são os trabalhos que se referem a aspectos da cultura material, tendo por base trabalhos de campo de certo fôlego. As fortificações, apesar de constituírem um dos aspectos mais monumentais deste tipo de povoados, não fogem a essa paronâmica. A bibliografia mais recente regista, no entanto, um maior interesse por este assunto¹¹, que tem vindo a merecer algum peso no âmbito de projectos de investigação mais vastos.

A integração do povoado do Lago no conjunto das manifestações defensivas das comunidades da Idade do Ferro do Norte de Portugal torna-se por isso difícil, uma vez que são escassos os elementos de comparação seguros.

¹⁰ ACUNA CASTROVIEJO, F. — *Panorama de la Cultura castrexa en el N. O. de la Península Ibérica*. "Bracara Augusta", Braga, 31, 1977, p. 235-253; ALMEIDA, C. A. Ferreira de — *Cultura Castreja. Evolução e problemática*. "Arqueologia", Porto, n.º 8, 1983, p. 70-74; BLANCO FREIJEIRO, A. — *La cultura castreña*, in "I Simposium de Prehistoria Peninsular", Pamplona, 1960, p. 179-195; FARIÑA BUSTO, L., F. Arias Vilas e A. Romero Masia — *Panoramica general sobre la Cultura castrexa*, in "Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia", Santiago de Compostela, 1983, p. 87-127; LOPEZ-CUEVILLAS, F. — *La civilización céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1953; MALUQUER DE MOTES, J. — *Formación y desarrollo de la Cultura Castreña*, in "I Jornadas de Metodologia Aplicada a las Ciências Históricas", Santiago, 1975, p. 269 ss.; SAVORY, A. N. — *A Idade do Ferro B e a cultura castreja do Noroeste da Península Ibérica. Novas luzes acerca de um antigo problema*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 76 (1-2), 1965, p. 117 ss.; TRANOY, A. — *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans L'Antiquité*, Paris, Diffusion du Boccard, 1981, p. 79-121; SILVA, A. C. Ferreira da — *A cultura castreja no Noroeste de Portugal. Habitat e cronologias*. "Portugália", Porto, n.º IV-V, N/S, 1983/84, p. 121-129.

¹¹ ALMEIDA, C. A. Brochado de e Teresa Soeiro — *Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978)*, in "Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular", Guimarães, 1980, p. 29-35; HÖCK, Martin — *Corte estratigráfico no castro de S. Juzenda (concelho de Mirandela)*, in "Actas do I Seminário de Arqueologia NW Peninsular", Guimarães, 1980, p. 55-70; SILVA, A. C. Ferreira da e Rui Centeno — *Sondagem arqueológica na Citânia de Briteiros*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 87, 1977, p. 277-280; Idem — *Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães)*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 88, 1978, p. 421-430; SOEIRO, T., Rui Centeno e A. Coelho F. da Silva — *Sondagem arqueológica no castro de Sabroso (Guimarães)*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 91, 1981, p. 341-350.

Essa dificuldade é ainda maior atendendo às características topográficas originais do povoado e às técnicas de construção das muralhas.

Topograficamente a estação recolhe paralelos em povoados do mesmo tipo, recentemente identificados no vale do rio Lima ¹². As escavações realizadas nalguns deles, nomeadamente em Vitorino das Donas e Eirado (Correlhã, Ponte de Lima) ¹³, revelaram estruturas defensivas que associam muralhas de terra, em talude, a fossos. A sua ocupação parece ter-se iniciado no século I a. C. ¹⁴.

Apesar de desconhecermos se a primeira fase defensiva do Lago associaria um fosso à muralha, julgamos encontrar para ela um bom paralelo nas estruturas exumadas nestes povoados. Admitimos, contudo, que a cronologia da muralha de terra do Lago será um pouco mais antiga, podendo ser colocada nos finais do século II a. C., se atendermos às características do espólio associado e à datação provável da muralha de pedra.

O segundo sistema defensivo observado no Lago, articulando uma muralha em pedra, reforçada, e um fosso, não sendo inédito como concepção defensiva, denota aspectos particulares. Estes dizem sobretudo respeito à técnica de construção da estrutura, bastante diferente daquela que encontramos nas muralhas dos povoados mais conhecidos da região minhota.

As muralhas que caracterizam as grandes citânias do Noroeste são mais imponentes e relativamente tardias ¹⁵. Essa imponência é-lhes em parte transmitida pela boa construção das suas faces, conseguida pela sobreposição regular de blocos de pedra bem faceados, formando um aparelho poligonal ¹⁶, pela sua largura, que atinge por vezes os 5 m e por um enchimento maciço de pedras. O bom faceamento das pedras implica todavia o uso do pico de ferro, que vem sendo considerado por alguns autores apenas comum no último século antes de Cristo ¹⁷.

¹² ALMEIDA, C. A. Brochado de e BAPTISTA, António José — *Castros e Castelos de Ponte de Lima*, in "I Colóquio Galaico-Minhoto", Ponte de Lima, p. 287-318.

¹³ Aí decorrem, desde 1983, trabalhos de escavação da responsabilidade de C. Alberto Brochado de Almeida, esperando-se para breve a publicação dos resultados.

¹⁴ "Escavações arqueológicas mostram castros agrícolas", *Jornal de Notícias*, 5/10/1984.

¹⁵ Pode referir-se, entre outras, os casos das de Briteiros (Guimarães), SILVA, A. C. Ferreira, op. cit. (v. nota 11); Sabroso (Guimarães), SOEIRO, T. et alii, op. cit. (v. nota 11); Monte Mozinho (Penafiel), ALMEIDA, C. A. Ferreira de — *Escavações no Monte Mozinho, II, 1975-76*, Penafiel, 1977; S. Julião (Vila Verde). Aqui, recentes escavações, levadas a cabo pela signatária permitiram atribuir as robustas fortificações do povoado ao século I a. C.

¹⁶ A tipologia dos aparelhos usados, quer nas muralhas, quer nas habitações, é objecto de várias referências na bibliografia. ROMERO MASIA, A. M. — *El habitat castreño*, Santiago de Compostela, C.O.A.G., 1976.

¹⁷ ALMEIDA, C. A. Ferreira de — *O castrejo sob o domínio romano: a sua transformação*, in "Estudos de cultura castrexa e de História Antiga de Galicia", Santiago de Compostela, 1983, p. 189-190.

A raridade de trabalhos estratigráficos visando o estudo das muralhas dos castros não permite ainda estabelecer um quadro cronológico seguro para estas manifestações. No entanto, a conjugação de alguns dos resultados já obtidos em sondagens pontuais em algumas estações, permite situar a generalidade das construções que usam pedra faceada num período entre os meados dos séculos I a. C. e meados do século I da nossa era, momento em que se assinala uma grande vitalidade destas comunidades, que sofrem as primeiras influências do mundo romano.

Neste contexto, estruturas como a muralha de pedra do Lago poderão ser colocadas num momento em que ainda não se havia vulgarizado a utilização do pico de ferro, talvez devido à escassez desse metal.

A conjugação desse facto com as características da cerâmica encontrada nos estratos que se sucedem imediatamente à construção da muralha, sugerem-nos, como hipótese, a sua datação nos inícios do século I a. C.

6. Espólio

O espólio exumado durante a escavação é essencialmente constituído por cerâmica, não tendo sido identificados objectos de metal. No entanto, consideramos ser de assinalar a descoberta de alguns fragmentos de mós primitivas de rolo (mós de vaivém), reaproveitadas no enchimento da muralha e ainda de algumas fusaiolas (figs. 15, n.ºs 10 e 11; 20, n.º 10).

A cerâmica, toda de fabrico indígena, é bastante abundante, mas muito fragmentada. As características das pastas, genericamente mal cozidas e muito micáceas, bem como o acabamento das peças, realizado quase sempre por um alisamento mais ou menos intenso das superfícies, permitem enquadrar o conjunto dos fragmentos estudados no grupo da cerâmica indígena da Idade do Ferro, comum nos castros do Noroeste português.

Apenas quatro fragmentos, procedentes da camada Ia, provavelmente de uma mesma peça, revelaram uma composição diferente (fig. 13, n.º 1). São de fabrico manual e possuem pastas bem cozidas, de cor avermelhada, que integram pequeníssimos elementos de mica e abundantes grão de quartzo. A superfície externa mostra vestígios de forte polimento, que para além de lhe conferir um tom ligeiramente brilhante, formou uma película, pouco aderente, que lasca com facilidade. Estes atributos de fabrico sugerem um universo de produção cerâmica que pouco tem a ver com a olaria indígena comum nos castros da Idade do Ferro, podendo-se preferencialmente atribuí-los às cerâmicas da Idade do Bronze desta região¹⁸.

As características de aterro da camada onde apareceram os fragmentos não permitem acrescentar quaisquer elementos mais precisos sobre a cronolo-

¹⁸ Encontramos paralelos para esta cerâmica nos produtos que começam a ocorrer com certa frequência nos níveis de ocupação mais antigos dos castros e que podem ser integrados num Bronze Final ou Tardio.

gia desses materiais ¹⁹. Da camada Ia proveio ainda um fragmento de uma lâmina retocada, de sílex cinzento (fig. 13, n.º 2).

A camada Ib não forneceu qualquer espólio. Na parte superior da camada Ic foram identificados vários fragmentos de vasos de fabrico manual, com pastas grosseiras, muito micáceas e superfícies rugosas. Estas características são comuns às do escasso número de peças detectado na camada Id (fig. 13, n.ºs 3 a 6). Nesta última, encontramos também várias lascas não retocadas, obtidas a partir de seixos, cuja utilização como utensílios nos parece bastante duvidosa.

No seu conjunto as camadas identificadas como pertencentes à primeira fase de ocupação do sector, que poderá ter sido relativamente curta, forneceram pouco material. Esse facto dificulta a caracterização destes produtos, em relação aos da segunda e terceira fases.

O miolo da muralha integrava alguma cerâmica, o mesmo acontecendo com o enchimento do seu muro de reforço. São materiais em tudo aparentados com os das camadas Ic e Id.

Bastante mais abundante e significativa é a cerâmica exumada nas camadas posteriores à fortificação de pedra, pertencentes à segunda fase (figs. 14 a 17).

Embora a reduzida dimensão de alguns fragmentos torne por vezes difícil reconhecer o seu fabrico, o manual é francamente dominante. Podemos apenas admitir o uso esporádico do torno lento na camada Iib. A qualidade das pastas e dos acabamentos é bastante variável. Existem fragmentos com pastas muito grosseiras e superfícies rugosas e outros, com pastas mais depuradas e superfícies bem alisadas.

A tendência para um maior cuidado nos acabamentos é notória nas camadas mais modernas, posteriores ao muro C, onde encontramos já peças feitas a torno (figs. 18 a 20).

Os estratos que preenchem o fosso forneceram alguns fragmentos de cerâmica de fabrico indígena, essencialmente provenientes de escorregamentos da vertente. É de assinalar aí a descoberta de dois fragmentos de ânforas de forma e cronologia indeterminadas.

Mau grado a abundância de cerâmicas exumadas no corte interno do povoado, não foi possível recuperar qualquer forma completa. Neste sentido, tivemos que nos limitar a uma análise parcelar dos fragmentos, tendo-se estudado separadamente os bordos, as bases, as asas e os fragmentos decorados ²⁰.

O carácter fragmentário deste espólio e as dificuldades de o classificar rigorosamente constituíram à partida sérios obstáculos ao seu estudo em termos tipológicos. No entanto, considerando que essa é a situação corrente na maior parte das estações deste tipo e que não será justo adiar um necessá-

¹⁹ Nas intervenções subsequentes, realizadas noutros sectores do povoado, em 1981 e 1982, não encontramos quaisquer vestígios de ocupação anteriores à Idade do Ferro.

²⁰ A um estudo individual de cada fragmento, na forma de catálogo, forçosamente extenso e pouco conclusivo, preferimos uma abordagem global das peças, segundo as suas características. Procurou-se, assim, avaliar a evolução da cerâmica ao longo da sequência estratigráfica.

rio trabalho de sistematização desta cerâmica, decidimos arriscar aqui uma análise mais desenvolvida do material proveniente deste povoado ²¹.

Ainda que sejam inevitáveis alguns erros, resultantes da valorização de meros fragmentos, pensamos que este trabalho, dada a importância da estratigrafia obtida na escavação, terá pelo menos a virtude de constituir uma referência para o estudo da olaria da Idade do Ferro no vale do Cávado.

6.1. Bordos

Durante a escavação foram exumados 187 fragmentos de bordos, tendo sido analisados 173. As suas características permitiram atribuí-los a quatro grupos funcionais: potes; púcaros; malgas ou tigelas e tachos ou panelas ²².

Na primeira categoria integrámos os fragmentos de bordos que pertencem a peças de dimensões variadas, normalmente de boca larga e pança ovóide, descrevendo um perfil em S, mais ou menos acentuado. Trata-se de um grupo funcional muito frequente nos castros, utilizado com múltiplas finalidades. No povoado do Lago, reconhecemos sinais evidentes de utilização de potes na cozinha, sendo provável que as peças de maiores dimensões tenham servido para armazenagem.

Como púcaros classificámos os fragmentos de peças que, não diferindo morfologicamente dos potes se distinguem destes pela sua menor dimensão e por possuírem asas, sugerindo ter sido usados para beber.

Classificámos como pertencentes a malgas ou tigelas apenas os fragmentos de bordos cujas características lembram recipientes para comer ou beber.

No grupo dos tachos ou panelas integrámos os fragmentos de peças que possuem sinais evidentes de terem sido usadas sobre o lume. Trata-se de um grupo funcional que aparece com frequência nas fases de ocupação mais tardias dos castros da Idade do Ferro, mostrando quase sempre asas interiores.

A figura 7 mostra o peso relativo de cada um destes grupos.

Considerando o elevado número de camadas detectadas durante a escavação, que foi possível articular claramente com as estruturas defensivas, decidimos apresentar a cerâmica de acordo com as três fases de ocupação atrás

²¹ São raros os trabalhos que abordam de forma sistemática a cerâmica dos castros. Mesmo os que existem fazem-no, regra geral, sem o necessário enquadramento estratigráfico. Ainda assim, citamos alguns trabalhos que cobrem esta área tão carecida de investigação: ALMEIDA, C. A. Ferreira de — *Cerâmica castreja*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 84, 1975, p. 171-197; HIDALGO CUÑARRO, J. M. e F. J. Costas Goberna — *El castro "A cidade" de Caneiro, Fozara (Ponteareas)*. "El Museo de Pontevedra", Pontevedra, 33, 1979, p. 153-228; Idem — *Avances sobre tipología da cerâmica castreja: as xerras*. "El Museo de Pontevedra", Pontevedra, 36, 1982, p. 273-289; LOPEZ-CUEVILLAS, F. — *Cerámicas castrexas de la ciudad y provincia de Lugo*, "B.C.P.M.L.", Lugo, 5, n.º 40, 1953, p. 253 ss.; MONTEAGUDO, L. — *La cerâmica castreja de la comarca de Vigo*. "Archivo Español de Arqueología", 18, 1945, p. 237 ss; REY CASTIÑEIRA, J. — *Tipología de la cerâmica castreja; aportación a su estudio*. Santiago de Compostela, 1978. Tese mecanografada.

²² Para a designação funcional das peças usámos a terminologia proposta para a cerâmica comum romana de Conímbriga. ALARCÃO, Jorge de — *A cerâmica comum local e regional de Conímbriga*, Coimbra, 1974, p. 32-37.

referidas. Pensamos ter conseguido obter deste modo valores mais significativos para cada fase, o que simplifica as comparações. Colocamos desde já algumas reservas às amostragens da primeira fase, dado o número reduzido de peças que dela conseguimos identificar.

A observação da figura 8 mostra uma diminuição assinalável dos potes entre a segunda e a terceira fases, à qual corresponde um aumento considerável das panelas ou tachos e um acréscimo menos significativo das tigelas ou malgas. Os púcaros mantêm valores mais ou menos constantes ao longo das três fases. Parece-nos evidente que na segunda fase se inicia a tendência para uma maior diversificação de formas que ganha peso na última fase.

Analisaremos de seguida as características morfológicas específicas de cada grupo funcional.

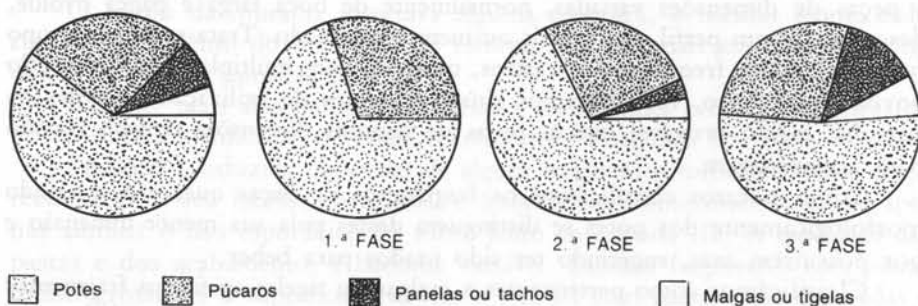


Fig. 8 — Distribuição das formas.

6.1.1. Potes e púcaros

Uma vez que ao nível dos bordos não existem diferenças apreciáveis entre estes dois grupos, considerámo-los em conjunto.

Observámos três variantes de bordos de potes e púcaros.

A. Bordos esvasados ou contracurvados. Representam 40% do total dos bordos estudados. Rematam preferencialmente em lábios arredondados (figs. 13, n.º 3; 14, n.º 1) e mais raramente biselados (fig. 15, n.º 2).

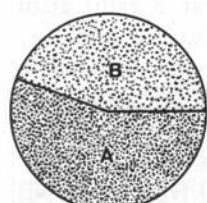
B. Bordos em aba soerguida. Constituem o tipo maioritário, estando representados em cerca de 50% do total dos bordos analisados. Rematam geralmente em lábios arredondados (fig. 13, n.º 4) ou ainda biselados.

C. Bordos em aba horizontal. Este tipo é minoritário estando apenas representado em 10% da amostragem. Os lábios podem ser arredondados (fig. 15, n.ºs 3 e 4), ou biselados.

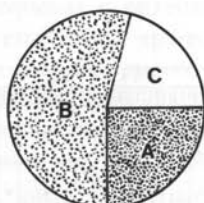
A distribuição destes tipos ao longo das três fases de ocupação referidas, consta da figura 9. Nos potes verifica-se uma diminuição assinalável dos bordos de tipo A entre a primeira e a segunda fases, enquanto os do tipo B se tornam cada vez mais significativos. Por outro lado, os bordos de tipo C, ausentes no primeiro grupo de camadas, parecem ter uma existência breve, tendendo a desaparecer nas camadas mais recentes.

Os bordos de púcaros reflectem uma tendência inversa. Assim, o tipo A tende a aumentar em prejuízo do tipo B que se torna cada vez menos significativo. O tipo C aparece apenas na terceira fase.

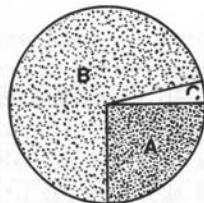
POTES



1.ª FASE

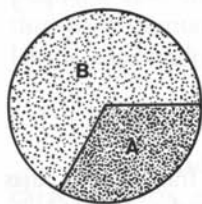


2.ª FASE

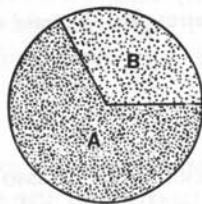


3.ª FASE

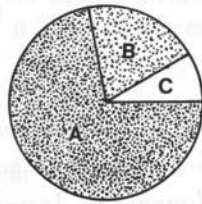
PÚCAROS



1.ª FASE



2.ª FASE



3.ª FASE

Fig. 9 — Distribuição dos tipos de bordos de potes e púcaros.

Com base no diâmetro dos bordos tentámos verificar se existiria alguma relação entre o tipo de bordo e as dimensões prováveis das peças (fig. 10). Observou-se que os bordos do tipo A foram sobretudo usados no fabrico de púcaros e de potes de dimensão média, que não excedem os 33 cm de diâmetro de boca. Situação diversa apresentam os bordos de tipo B que foram usados indiscriminadamente em peças das mais variadas dimensões. Embora em menor quantidade que os de tipo A, foram usados no fabrico de púcaros, sendo, no entanto, a forma preferida para a execução de potes muito grandes. Os bordos de tipo C mostram entre as segunda e terceira fases um comportamento distinto. Na segunda fase, foram usados exclusivamente em potes médios e grandes, enquanto na terceira fase, estando escassamente representados, aparecem em púcaros e potes de dimensões mais pequenas.

Se considerarmos que estamos em presença de um universo de produção cerâmica, ainda restrito, em que os quatro grupos funcionais identificados respondem a variadíssimas necessidades, adaptando-se o pote, forçosamente, a diferentes usos, não nos parece despropositado admitir que as formas de bordos consideradas exprimam uma certa especialização de funções. Assim, e

com base nas observações efectuadas, parece-nos legítimo considerar significativo o facto de os púcaros usarem sobretudo bordos do tipo A, enquanto os potes de grandes dimensões, mais vocacionados para a armazenagem, possuem bordos do tipo B e C, susceptíveis de suportarem um teste. São as peças de tamanhos médios que, usando os três tipos de bordos indiscriminadamente, parecem revelar uma menor especialização.

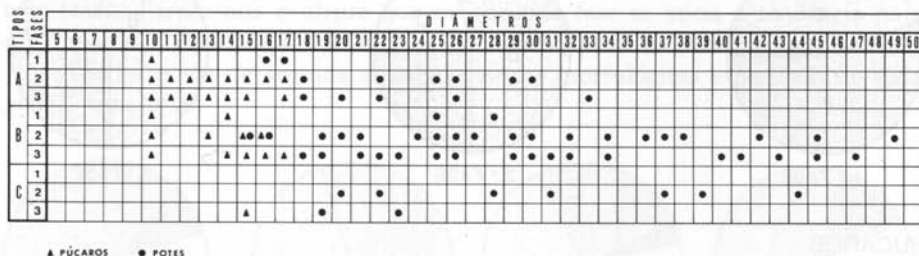


Fig. 10 — Diâmetros dos diferentes tipos de bordos.

6.1.2. *Malgas ou tigelas*

Incluímos neste grupo funcional um escasso conjunto de fragmentos, cujas dimensões, forma dos bordos e lábios e inclinação das paredes das panças, sugerem ter pertencido a recipientes para comer ou beber. Trata-se, no entanto, de peças que, tendo em comum a convexidade da pança e a ausência de colo, revelam bordos bastante diferenciados.

Os fragmentos incluídos neste grupo possuem lábios arredondados (fig. 16, n.º 3), espessados interna e externamente (fig. 16, n.º 1), formando, por vezes, uma concavidade destinada a encaixar uma tampa (fig. 16, n.º 2).

Atendendo ao diâmetro da boca, verificamos que este grupo integra peças pequenas e médias, com diâmetros que oscilam entre os 14 e os 30 cm.

A exiguidade do número de fragmentos pertencentes a este grupo morfológico não justifica aqui uma abordagem mais detalhada das suas características.

6.1.3. *Panelas ou tachos*

Este grupo é caracterizado pelas típicas panelas ou tachos de asa interior, frequentemente referidas na bibliografia como a forma 16 da tipologia de C. Alberto F. de Almeida²³. Apesar de constituírem um produto relativamente comum no conjunto da cerâmica indígena dos castros, aparecendo em grande abundância nos horizontes mais recentes de ocupação, frequente mesmo em

²³ ALMEIDA, C. A. Ferreira de, *op. cit.* (v. nota 21), p. 195.

contextos arqueológicos que incluem objectos romanos ou romanizados²⁴, desconhece-se ainda o momento inicial da sua produção, estando por sistematizar as suas variações morfológicas. Assinalam-se, no entanto, algumas diferenças entre as peças que ocorrem em contextos romanizados, sempre feitas a torno, com paredes mais espessas e asas robustas e as peças da mesma forma de fabrico mais antigo. Estas são normalmente feitas à mão, as paredes são mais finas e as asas mais pequenas e estreitas.

No povoado do Lago esta forma aparece pouco representada no sector estudado, facto que, por um lado nos sugere mais um momento inicial da sua produção, do que um momento pleno do seu desenvolvimento e por outro nos impede de inferir conclusões sobre a sua evolução.

No entanto, consideramos de referir as variações observadas, quer ao nível dos perfis das panças, quer nos remates dos bordos. Existem peças de paredes mais ou menos rectas, divergentes, que rematam em lábios espessados côncavos (fig. 19, n.º 7) e em lábios rectos, horizontais (fig. 16, n.º 6). Outras, apresentam paredes convexas, terminando em bordos em forma de pequena aba, com lábios rectos horizontais (fig. 20, n.º 4), em bordos inclinados para o interior de lábio biselado (figs. 19, n.º 10; 20, n.º 1) e ainda em lábios espessados côncavos horizontais (fig. 16, n.º 4).

6.2. Bases

As reduzidas dimensões dos fragmentos de bases permitiram apenas caracterizá-las em função do seu fundo externo.

Verificámos assim que as peças podem agrupar-se em quatro grandes categorias:

- A. Bases de fundo externo plano (figs. 16, n.ºs 7 e 8);
- B. Bases de fundo externo plano alargado (figs. 16, n.ºs 9 e 11; 20, n.ºs 3 e 5);
- C. Bases de fundo externo côncavo (fig. 16, n.º 12);
- D. Bases de fundo externo côncavo alargado (fig. 16, n.º 10).

A sua distribuição nas segunda e terceira fases de ocupação consta da figura 11. Observa-se uma predominância das bases do tipo B, forma que se torna quase exclusiva na terceira fase, enquanto as outras se tornam menos significativas, chegando uma delas a desaparecer.

As dimensões das bases são bastantes variáveis, mas não ultrapassam os 30 cm de diâmetro.

As bases de fundo alargado do tipo B e D são normalmente as maiores e apresentam, por vezes, o fundo interno reforçado pela aplicação de bocados de argila. Registam-se também com certa frequência impressões estabilizadoras nestes tipos de fundo, como é o caso da peça representada na fig. 16. Estas bases parecem pertencer a potes de grandes dimensões.

²⁴ ALMEIDA, C. A. Ferreira de, C. A. Brochado de Almeida, Teresa Soeiro e A. J. Baptista — *Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*. "Arquivo de Ponte de Lima", Ponte de Lima, n.º 3, 1981, p. 46; ALMEIDA, C. A. Ferreira de, *op. cit.* (v. nota 15), p. 32-33; SILVA, A. C. Ferreira da *et alli*, *op. cit.* (v. nota 11).

6.3. Asas

As asas observadas apresentam um número relativamente diversificado de formas, que procurámos sistematizar de acordo com as respectivas secções. Temos, assim: asas de secção mais ou menos rectangular (fig. 13, n.º 6); asas definidas por dois toros paralelos, nas extremidades da superfície externa (fig. 17, n.º 2); asas de secção triangular (fig. 17, n.º 3); asas de secção pentagonal (figs. 15, n.º 5; 19, n.ºs 1 e 2); asas de secção mais ou menos circular (fig. 17, n.º 4); asas de secção semicircular e asas em moldura saliente em escócia (fig. 17, n.º 1).

As quatro primeiras formas são variantes de asas de púcaros, que se desenvolvem, quer sobre o bojo das peças (fig. 17, n.º 3), quer sobretudo, entre o lábio e a parte alta da pança (figs. 15, n.º 5; 19, n.ºs 1 e 2). As asas de secção circular e semicircular pertencem, quase sempre, a panelas ou tachos de asa interior.

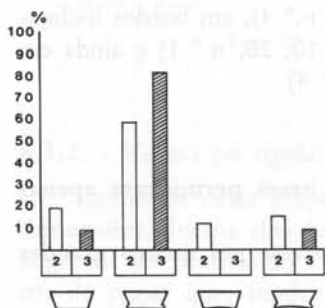


Fig. 11 — Distribuição dos tipos de bases.

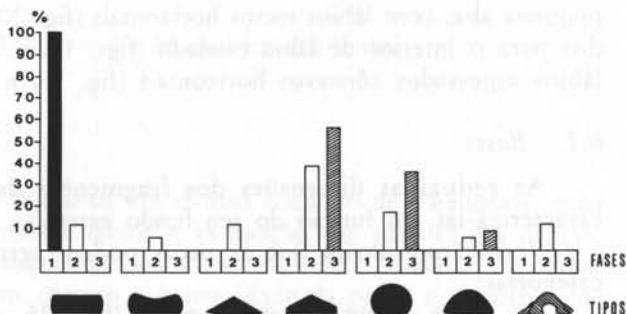


Fig. 12 — Distribuição dos tipos de asas.

Conforme se observa na figura 12, à exclusividade das asas de secção rectangular, na primeira fase, sucede uma multiplicidade de formas na segunda fase, que se restringe novamente nas camadas da fase mais recente.

As asas de secção circular registam uma certa evolução entre a segunda e a terceira fases. Assim, os exemplares observados nas camadas da segunda fase são consideravelmente mais pequenos, parecendo adaptar-se a recipientes de menor dimensão, de paredes mais finas. Pelo contrário, os fragmentos deste tipo, observados nas camadas da última fase são mais robustos, podendo associar-se a peças de maior capacidade.

As asas em escócia aparecem apenas na segunda fase e mesmo aí em pequena quantidade. C. Alberto F. de Almeida integra-as no seu estilo A, sugerindo que imitam suspensões próprias de vasilhas de madeira ²⁵. Este tipo

²⁵ ALMEIDA, C. A. Ferreira de, *op. cit.* (v. nota 21), p. 185.

de asas, normalmente colocadas na pança, aparece com alguma frequência noutros povoados da região minhota, nomeadamente em S. Estêvão da Facha (Ponte de Lima), onde é assinalado no horizonte castrejo II, situado pelos autores entre os séculos III e II a. C.²⁶

6.4. Decorações

Apesar do número reduzido de fragmentos ornamentados obtidos nesta escavação, verificámos a existência de um conjunto diversificado de gramáticas decorativas, obtidas por incisão e estampilhado.

Dentro dos temas executados por incisão destacamos os puncionados, quase sempre desenvolvidos em bandas horizontais, acompanhando caneluras (fig. 20, n.º 9); os reticulados, obtidos pelo cruzamento de traços profundamente incisos (fig. 17, n.º 5); as séries de triângulos, formando bandas, preenchidos internamente por traços oblíquos que, regra geral, acompanham um dos lados do triângulo, quase sempre associados a caneluras (figs. 13, n.º 5; 17, n.ºs 6 e 7).

Os motivos estampilhados estão representados pelas séries de SSS e pelos círculos concêntricos, normalmente formando conjunto com outras decorações. Destacamos as séries de SSS, verticais, ou horizontais, associadas a caneluras (fig. 17, n.º 9); os meios círculos concêntricos formando bandas horizontais, também em associação com caneluras; os círculos concêntricos, rematando o vértice de triângulos inscritos (figs. 17, n.º 8; 20, n.º 7).

Existe ainda uma decoração plástica obtida pela aplicação de cordões em relevo, com incisões, formando espinha (fig. 17, n.º 10).

Na primeira fase de ocupação, a temática decorativa é pobre e limita-se aos triângulos inscritos. Na segunda fase, assiste-se a uma verdadeira explosão de gramáticas decorativas, que se restringem na fase mais recente. Nesta predominam as incisões e os estampilhados quase sempre em associação com caneluras. A redução de temas ornamentais na terceira fase poderá relacionar-se, eventualmente, com o uso mais generalizado do torno que determinaria uma maior simplificação das formas.

A análise que acabamos de efectuar, mau grado as limitações inicialmente consideradas, permitiu-nos constatar alguns aspectos significativos na evolução da cerâmica deste sector do povoado.

A cerâmica da primeira fase, sendo escassa, mostrou-se pobre e revelou apenas potes de dimensões médias, com bordos esvasados e em aba soerguida e raros púcaros. As decorações limitam-se a um único tema base, os triângulos inscritos, considerados como um dos temas ornamentais mais antigos nesta cerâmica²⁷.

²⁶ ALMEIDA, C. A. Ferreira de *et alii*, *op. cit.* (v. nota 24), p. 32-33.

²⁷ ALMEIDA, C. A. Ferreira de, *op. cit.* (v. nota 21), p. 183; ALMEIDA, C. A. Ferreira de *et alii*, *op. cit.* (v. nota 24), p. 68.

A segunda fase de ocupação evidencia um espólio funcionalmente mais diversificado. Os potes e os púcaros constituem o grupo maioritário de peças, adaptáveis a diferentes funções. No entanto, aparecem formas mais especializadas como as malgas ou tigelas e os tachos ou painéis.

A variedade de fundos, a profusão decorativa e a diversidade de tipos de asas neste momento assinalam uma certa criatividade na olaria deste período.

A cerâmica da terceira fase denota, em relação à anterior certos progressos. Do ponto de vista tecnológico destacamos o uso regular do torno e um maior cuidado no tratamento das peças. A nível morfológico verifica-se um aumento do número de painéis e tachos de asa interior, ao mesmo tempo que se assinalam variações de gosto no uso de certos bordos e bases de potes e púcaros, que continuam a ter um papel de destaque no conjunto da louça.

Esta fase é ainda assinalada pela simplificação das gramáticas decorativas, que se reduzem a alguns temas base, bem como a uma maior standardização das formas de asas e bases que parecem especializar-se em relação a certas peças. Esta tendência, que revela uma produção mais padronizada, logo menos artesanal, poderá ser uma consequência directa do uso do torno, que tenderia a produzir uma maior uniformidade nas peças.

De qualquer modo, devemos realçar que a generalização do torno não se traduziu de imediato numa maior diversificação do vasilhame, nem no aparecimento de novos tipos morfológicos de bordos ou bases. Pelo contrário, tudo indica que os mesmos modelos, anteriormente executados à mão, continuaram a ser produzidos, registando-se apenas uma maior preferência por certas variantes, em detrimento de outras, bem como uma tendência para restringir a variedade dos elementos acessórios das peças, como as asas ou as decorações.

7. Cronologia e problemática

Os resultados aqui publicados, bem como os obtidos em intervenções posteriores realizadas no povoado, permitem afirmar que estamos em presença de um povoado, cuja vida decorreu num período anterior à romanização intensiva da região.

Embora a cerâmica romana esteja totalmente ausente dos estratos associados à muralha, ela surge de forma mais ou menos esporádica noutras zonas do povoado, mas apenas na camada humosa. A cronologia antiga de alguns produtos importados — um fragmento de bordo de ânfora (Haltern 70) e dois pequenos fragmentos de *sigillata* itálica — assinalados à superfície e a presença noutros sectores do povoado de cerâmicas indígenas características dos inícios da romanização dos castros²⁸, levam-nos a balizar o abandono da estação numa época que não deve ultrapassar os meados do século I da nossa era.

Não estando esses produtos presentes no sector estudado, tudo nos leva a admitir uma cronologia mais antiga para os estratos analisados e consequentemente para as estruturas defensivas observadas.

²⁸ Podemos referir, entre outras, as talhas, as painéis de asa interior, as de asa em orelha, ou ainda as copas.

Não são, todavia, fáceis de definir os inícios da ocupação do povoado. Tendo em conta as características da cerâmica, o tipo de construção das muralhas e a ausência de metais e apoiando-nos em paralelos com outras estações estudadas da mesma região, somos levados a situar os momentos de ocupação assinalados neste sector do povoado, nos últimos dois séculos antes de Cristo, sem prejuízo de uma futura revisão cronológica.

As características do povoado do Lago, quer ao nível topográfico, quer ao nível da sua organização defensiva, bem evidenciada pela escavação, colocam-nos perante um tipo muito particular de *habitat*, no quadro da Idade do Ferro do Norte de Portugal. Fugindo ao modelo representado pelos castros mais conhecidos, preferencialmente implantados em altitudes mais elevadas e com estruturas defensivas mais complexas, este povoado surgiu-nos, inicialmente, como um caso único em termos de organização.

Posteriormente aos primeiros trabalhos realizados na estação, outros povoados do mesmo género viriam a ser identificados na região do Minho, nomeadamente no vale do rio Vez²⁹ e no vale do Lima³⁰. O número destes povoados, já assinalado, permite sintetizar desde já algumas das suas características comuns. Assentando em pequenos cabeços, que não ultrapassam os 100 m de altura, localizam-se, quase sempre, nas imediações de cursos de água importantes, destacam-se bem em vales potencialmente agricultáveis e organizam-se, regra geral, em função de uma única estrutura defensiva, em pedra ou terra, não raro associada a um fosso.

No próprio vale do Cávado, podemos referir outros povoados, que pela localização e altitude, estarão integrados neste grupo. São eles: o Castro Mau, Braga³¹, ou a Torre do Castro, em Amares³².

Aspectos como a localização, a topografia, a dimensão e a cronologia destes povoados, sugerem-nos algumas pistas quanto à sua funcionalidade e integração, no âmbito da Cultura dos Castros do Noroeste Peninsular.

A sua implantação parece obedecer a motivações diferentes daquelas que presidiram à organização dos castros de cotas mais elevadas. Estes, são, normalmente, mais antigos, dentro da Idade do Ferro e não raro remontam a sua ocupação a uma Idade do Bronze Final ou Tardia³³. Factores de ordem

²⁹ Uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho referenciou, neste vale, um povoado idêntico ao do Lago, que se encontra ainda inédito. Esperamos que os trabalhos de levantamento arqueológico em curso, no concelho de Arcos de Valdevez, venham a revelar um maior número destes povoados.

³⁰ Cfr. nota 12, quadro n.º 1.

³¹ Este povoado, localizado na freguesia de S. Paio de Merelim, embora se encontre bastante afectado pela urbanização, revela características topográficas muito similares às do Lago. Nunca foi objecto de trabalhos arqueológicos.

³² Este povoado, que atinge a cota máxima de 96 m, encontra-se, também, parcialmente destruído pela construção de uma torre quatrocentista. Do castro restam ainda vestígios de uma muralha, sendo também visível um fosso circundante.

³³ Têm sido observados vestígios de ocupação desta época em vários povoados. Cfr. ALMEIDA, C. A. Ferreira *et alii*, *op. cit.* (v. nota. 24) p. 89; SILVA, A. C. Ferreira, *op. cit.* (v. nota 10).

defensiva, estratégica, ou mesmo económica, condicionaram, por certo, a sua localização. Se por um lado constituem cidadelas bem defendidas, controlam, por outro lado, vastas áreas dos vales. Esse controlo poderá ser político e económico. No entanto, a economia destas comunidades parece bem mais voltada para a recollecção e pastorícia, e eventualmente para uma agricultura de pequenas hortas, dentro do espaço dos povoados, do que para uma exploração efectiva das potencialidades dos vales. Pelo contrário, os povoados do género do Lago mostram-se, pela sua localização, particularmente vocacionados para a prática agrícola mais alargada ³⁴.

A reduzida dimensão destes povoados, permitindo albergar apenas um número restrito de pessoas, faz-nos pensar que estas comunidades poderiam ser subsidiárias de povoados mais elevados. O seu estabelecimento poderia corresponder, assim, a uma deslocação de um grupo reduzido de famílias. Estaríamos face a um fenómeno de pequenas migrações, dentro de um território controlado por povoados mais importantes.

A topografia destes *habitats* sugere, também, um momento de relativa estabilidade das populações da região, capaz de garantir a sobrevivência destas pequenas comunidades e uma efectiva exploração dos recursos do vale.

A cronologia proposta para o povoado do Lago, situando-o num momento relativamente próximo dos primeiros contactos da região com as tropas romanas, não se desenquadra dessa atmosfera de estabilidade, uma vez que é possível que após as campanhas de Décimo Júnio Bruto, a Norte do Douro, se tenha assistido, neste território, a um período de maior paz entre as populações ³⁵.

A conjugação destes diferentes factores permite-nos admitir que o aparecimento destes povoados traduza um novo modelo de organização económica, assente numa exploração agrícola efectiva dos vales.

Essa exploração acabará por determinar alterações nos hábitos alimentares dos habitantes dos castros, acelerando igualmente a transformação destas co-

³⁴ A notícia referida na nota 14 regista o aparecimento de razoável quantidade de grãos de cereal nos castros de Vitorino das Donas e Eirado, Ponte de Lima. No povoado do Lago não foram identificados quaisquer vestígios similares.

³⁵ Esta dedução é em parte aferida pelo desenvolvimento constatado na maior parte dos castros, nesse período, e também por se assinalar novamente uma presença significativa de objectos metálicos, raros, senão mesmo inexistentes, em períodos mais recuados da Idade do Ferro. Este facto poderá resultar, em parte, de uma maior facilidade na exploração e trânsito dos metais, aparentemente sem expressão nos momentos que se sucedem à Idade do Bronze Final.

munidades, nos finais da Idade do Ferro, o que facilitará a rápida integração das populações indígenas desta região no mundo romano ³⁶.

O estudo deste tipo de povoados e das suas relações com outros de altitudes mais elevadas, que revelam, no mesmo período, sinais de grande vitalidade, parece-nos por isso, uma tarefa fundamental para a compreensão do povoamento nos finais da Idade do Ferro. Esse estudo deverá ser realizado no quadro de uma pesquisa sistemática das bacias dos rios e conjugado com o das primeiras formas de implantação romanas, nos vales, que parecem suceder-se a este tipo de povoados.

Os resultados agora divulgados da estação do Lago, constituem, a nosso ver, uma primeira referência para futuros trabalhos neste tipo de *habitats*, que certamente permitirão questionar e/ou melhorar as hipóteses sugeridas neste nosso trabalho.

Braga, Maio de 1985.

³⁶ Essa rápida e precoce integração é sugerida pelos vestígios materiais, detectados em escavações, mas sobretudo, a partir de estudos recentes de natureza epigráfica. LE ROUX, P. e A. Tranoy — *Rome et les indigènes dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire*. "Mélanges de la Casa de Velasquez", Paris, 9, 1973, p. 177-231; TRANOY, A. — *Religion et Société à Bracara Augusta (Braga) au Haut-Empire romain*, "Actas do I Seminário de Arqueologia do NW peninsular", Guimarães, 1980, p. 67-83; Idem — *Romanisation et monde indigène dans la Galice Antique: problèmes et perspectives*, in "I Reunión Gallega de Estudios Clasicos", Santiago de Compostela, 1979, p. 105-121; Idem — *La Galice Romaine*, Paris, Diffusion du Bocard, 1981; Idem — *Agglomérations indigènes et villes augustéennes dans le Nord-Ouest ibérique*, in "Actes du colloque Villes et Campagnes dans l'empire romain, Aix la Provence, 1980", Provence, 1982, p. 125-137; Idem — *Remarques sur la permanence et les mutations dans la Galice Antique: le rôle des villes*, in "II Seminário de Arqueologia del Noroeste", Madrid, 1983, p. 193-202.

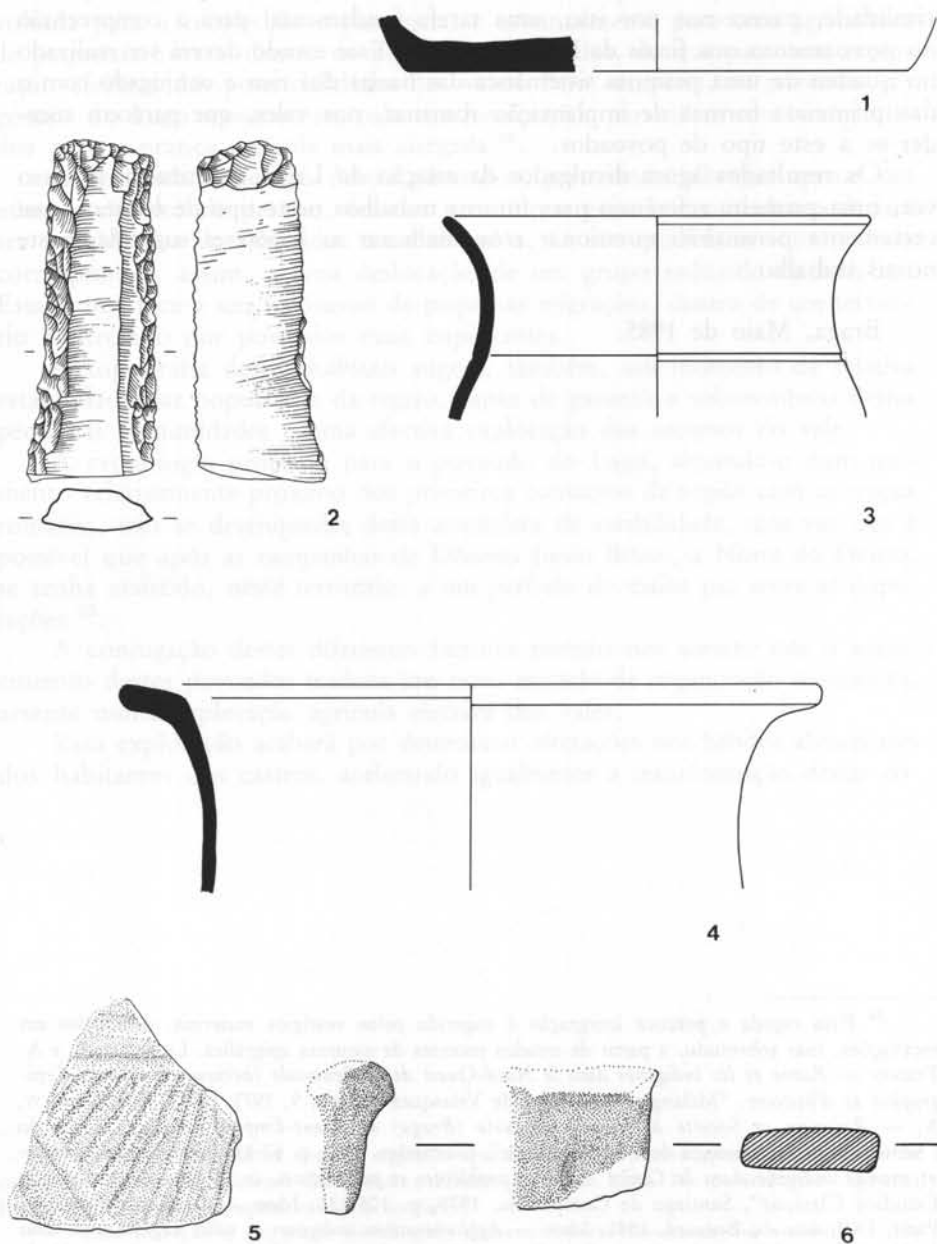


Fig. 13 — Achados das camadas Ia (1 e 2) e Id (3 a 6); 1, 3 e 4 esc. 1:3; 2 esc. 1:1; 5 e 6 esc. 2:3.

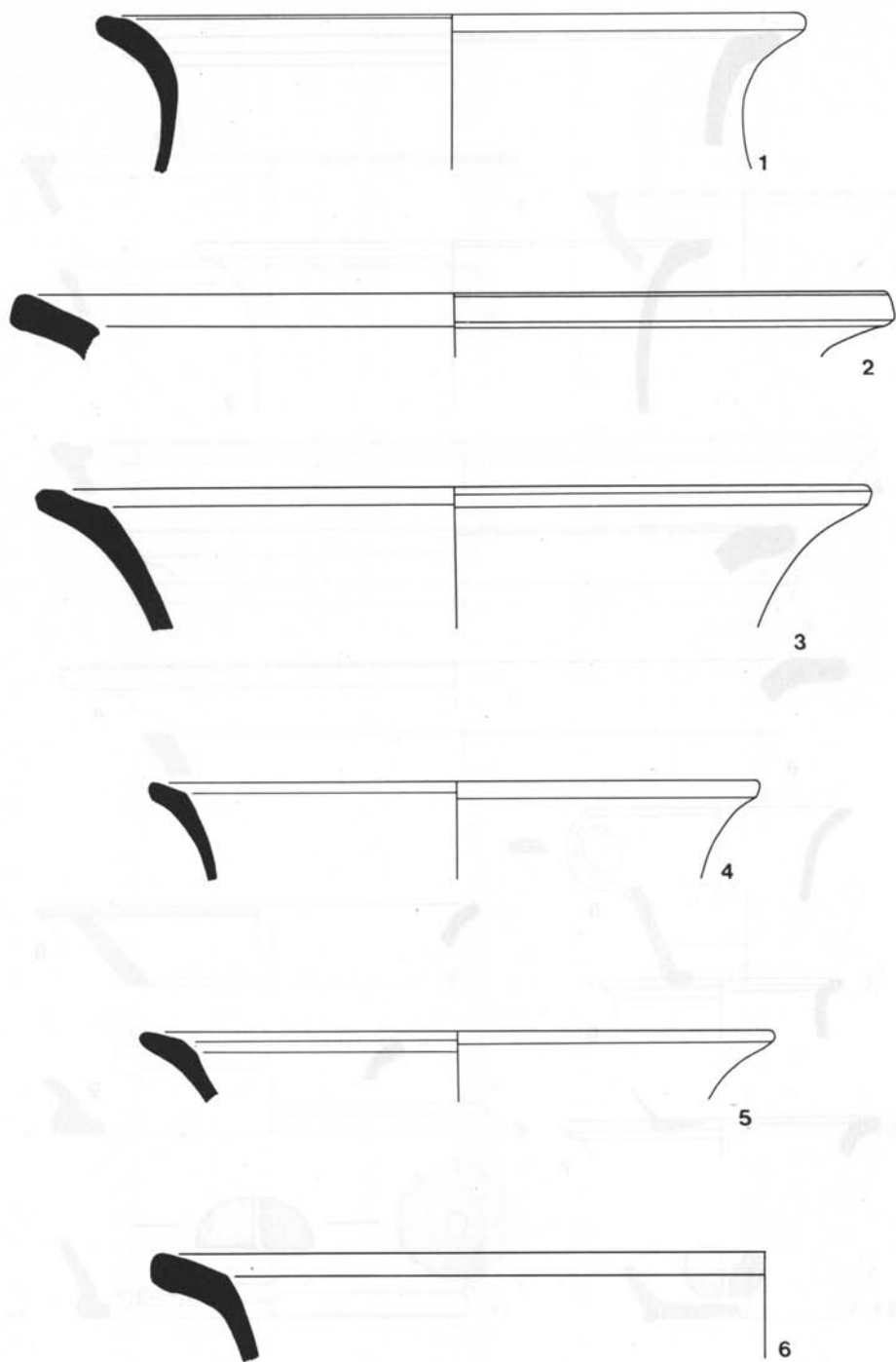


Fig. 14 — Potes da 2.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

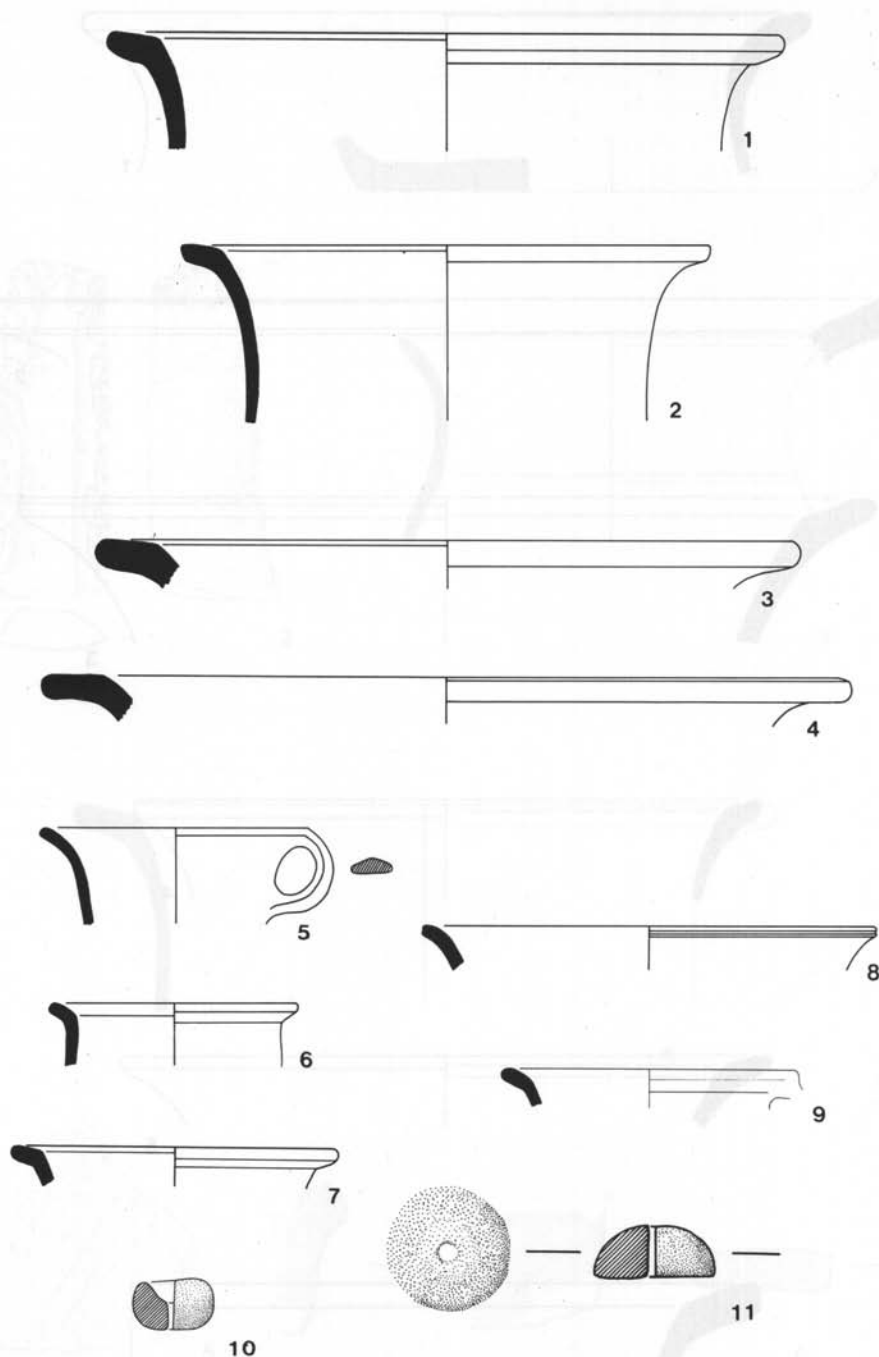


Fig. 15 — Potes (1 a 4), púcaros (5 a 9) e fusaiolas (10 e 11) da 2.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

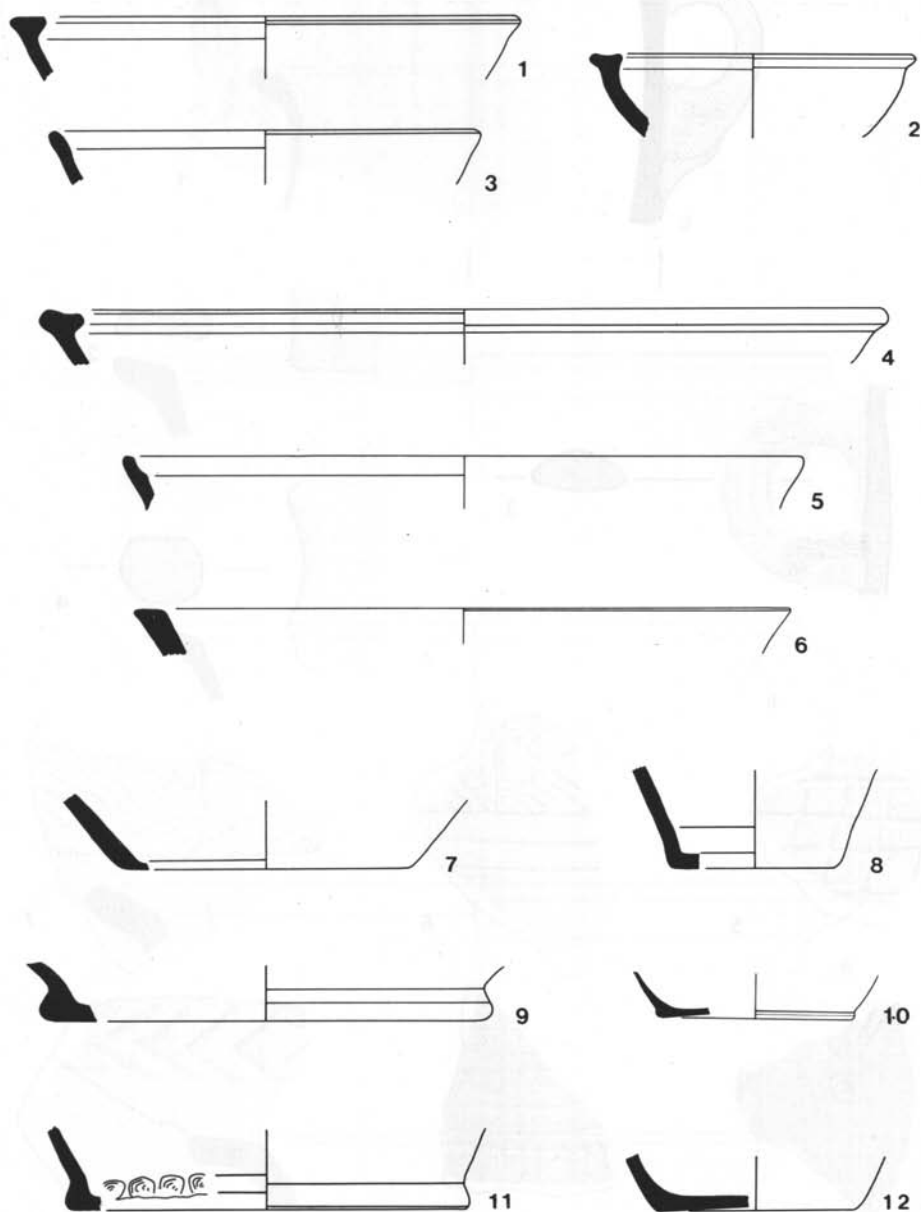


Fig. 16 — Tigelas (1 a 3), painéis (4 a 6) e bases da 2.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

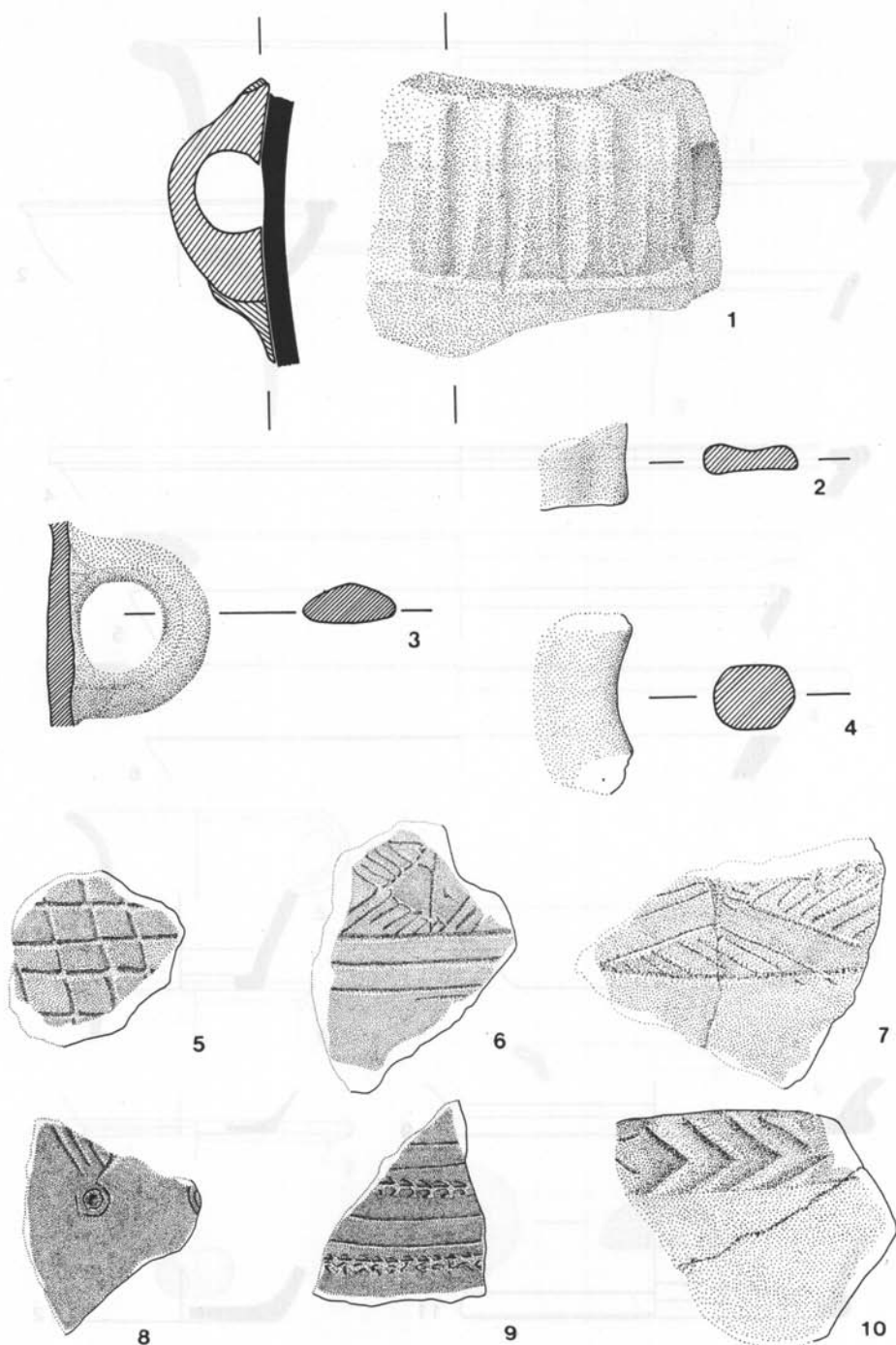


Fig. 17 — Asas e decorações da 2.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

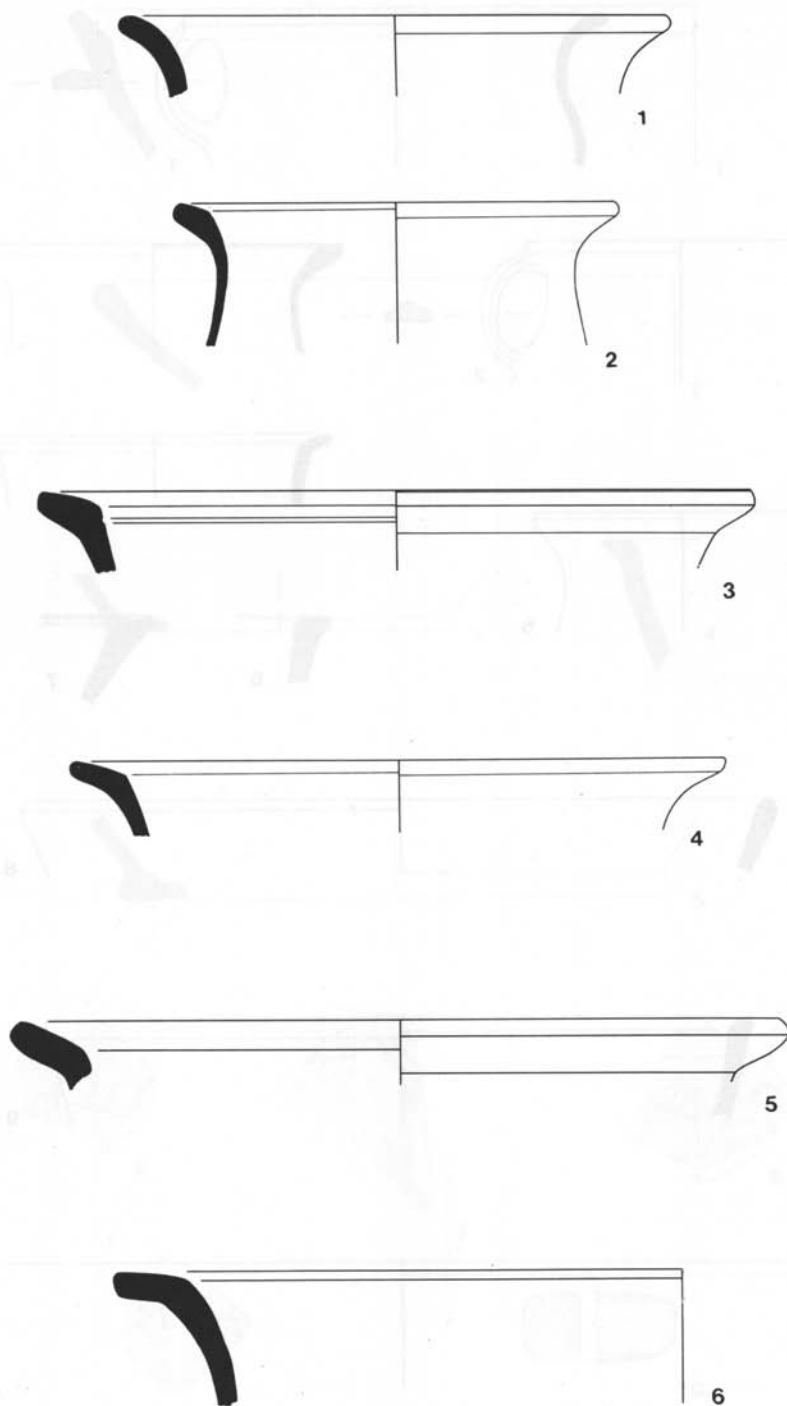


Fig. 18 — Potes da 3.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

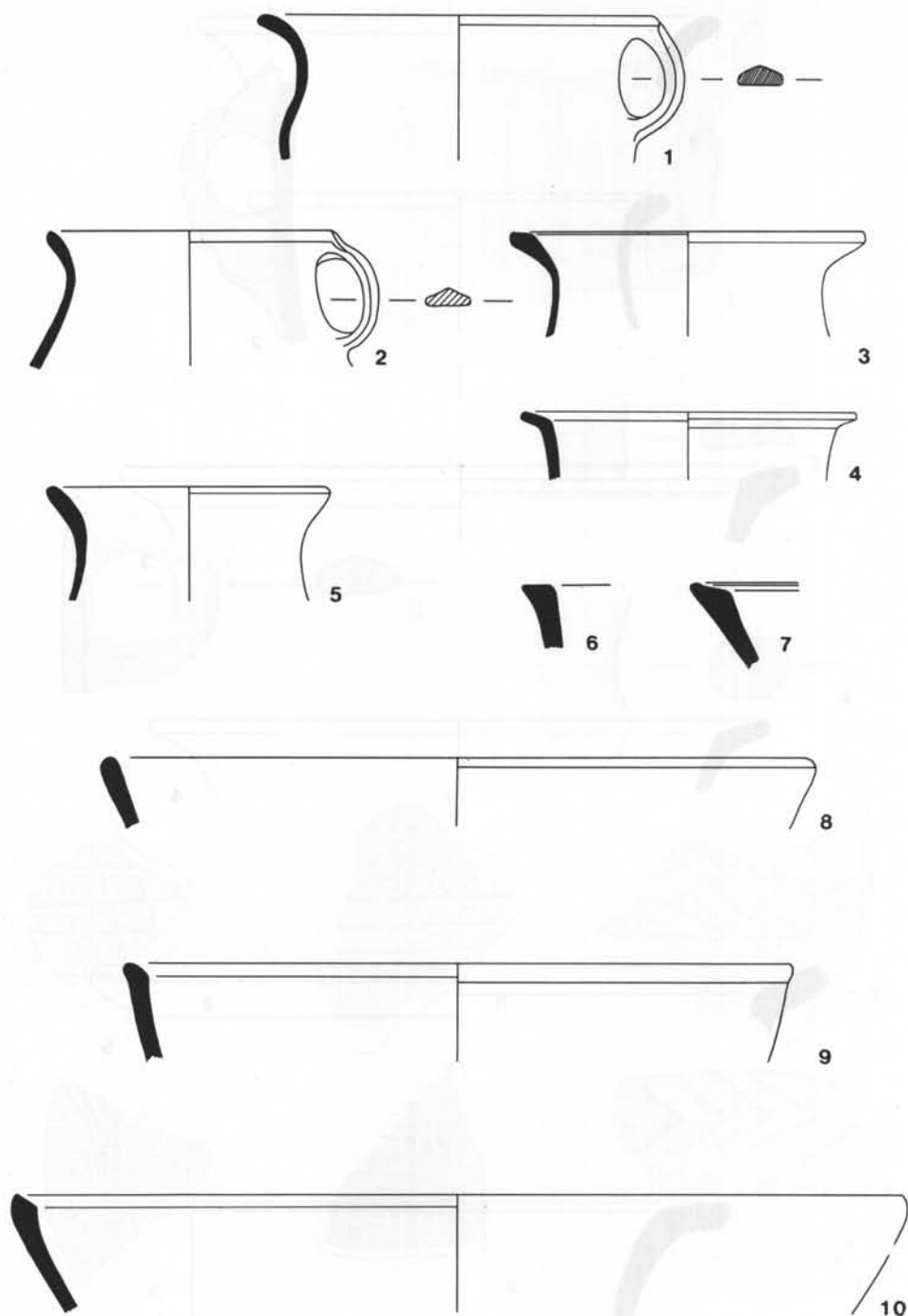


Fig. 19 — Púcaros (1 a 5) e panelas (6 a 10) da 3.^a fase de ocupação (esc. 1:3).

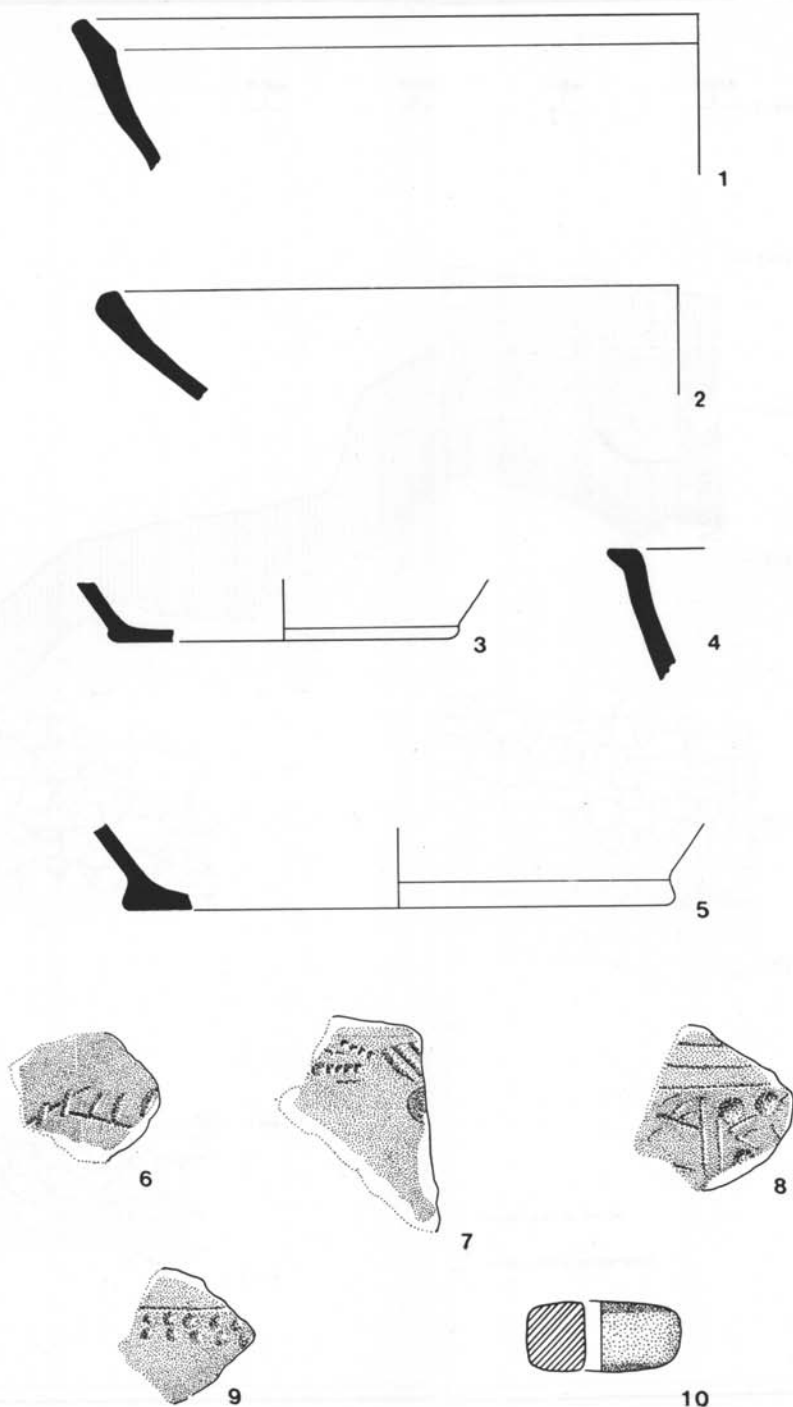


Fig. 20 — Painéis (1, 2 e 4), bases (3 a 5), decorações e fusaiola da 3.^a fase de ocupação. 1 a 5 esc. 1:3; 6 a 10 esc. 2:3.

